

O PAPEL DOS 15+2 NA REDEMOCRATIZAÇÃO ANGOLANA (2011-2019): MEMÓRIAS DE LUTAS DE UM MOVIMENTO SOCIAL

Adão Miguel Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: oliveiraadaomiguel@gmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: liviadianamagalhaes@gmail.com

2225

INTRODUÇÃO

Angola, é um país localizado no continente africano e tornou-se independente a 11 de novembro de 1975, tendo implantado um sistema político de partido único com uma orientação marxista-leninista liderado pelo partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). O regime político implantado tinha azucrinado a política doméstica angolana caucionando uma guerra civil com os movimentos Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e mais tarde a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) que em meio a situação de ostracismo político procuravam de alguma forma ganhar legitimidade enquanto partidos políticos que também tinham lutado pela autodeterminação de Angola. É deste ponto de vista que a partir das décadas de 1990, num contexto de forte mudança imbricada ao fim da Guerra-fria, a arena política angolana irá vivenciar alteração do sistema político, com a emergência da democracia.

O nosso trabalho visa compreender a dinâmica da democratização angolana conduzida a partir dos movimentos sociais emergentes a partir do ano de 2011 e tendo em atenção que a história de Angola é considerada inacabada e bastante contraditória em função de muitos autores que escreveram sobre esse processo estarem influenciados por filiações político-partidárias, clichés ideológicos muito latentes, emergindo de um lado a história do vencedor e do outro as memórias dos marginalizados.

O nosso desafio na pesquisa é trabalhar a memória colectiva (Halbwachs, 1990) construída por esse movimento dos 15 a partir do conjunto de representações sociais acerca do passado que esse grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros.

Realização:



Apoio:





METODOLOGIA

As fontes de nossa pesquisa são essencialmente histórico documental, ou seja, trabalhamos com fontes tais como: jornais públicos e privados, acórdãos dos tribunais, processos em posse dos advogados, entrevistas com membros, familiares e advogados do Movimento dos 15+2 com foco na relação histórico-dialéctica entre história, memória e processos de redemocratização em Angola, tomando como base a teoria dos marcos sociais e da memória coletiva (Halbwachs, 1990; 2004). Sem deixar de considerar as múltiplas manifestações do fenómeno em estudo, estamos compreendendo como foi a luta desse coletivo diante do sistema “eduardista”, num contexto de extrema repressão estatal e com uma cultura do medo bastante patente o que inibia os cidadãos de adentrarem para as questões políticas. Do outro lado, entendemos compreender as causas da luta, os instrumentos de propaganda usados na divulgação das suas ações, estruturas de apoio, as origens do movimento social denominado Movimento Revolucionário, seu papel nas manifestações, impacto na alteração do sistema democrático, o surgimento e o papel dos jovens do conhecido Movimento dos 15+2.

2226

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fontes estudadas deixam entrever que para a consolidação de um país plural e multipartidário e para demonstrar alguma vontade de mudança da parte do poder hegemónico, o presidente José Eduardo dos Santos posterga as eleições de 2008, mas garante a aprovação da Constituição em 2010. A democracia continuava a ser formal e durante vários anos, a governação do antigo presidente José Eduardo Dos Santos passou a ser contestada pelos jovens com maior ênfase a partir do ano de 2011 pelo facto de haver de forma exponencial um elevado número de Desemprego, pobreza, corrupção, exclusão política, económica e social. Sobre este assunto, Mukuta e Fortuna (2011), afirmam que as manifestações eram motivadas pelo

enriquecimento ilícito da elite dominante e seus familiares, prepotência, arrogância manifesta dos dirigentes do partido governante; nepotismo e oligarquia; desfalques e roubos sistemáticos aos cofres do Estado angolano; péssimas condições de vida das populações angolanas; os 32 anos no poder e a exclusão dos angolanos a favor dos estrangeiros. (MUKUTA; FORTUNA, 2011, p. 25)



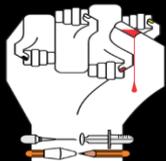
Em meio a situação da primavera árabe despoletada no Norte de África a partir do ano de 2011, uma onda de manifestações irá proliferar-se em Angola, com o Movimento Revolucionário a cabeça a partir do dia 07 de março de 2011 altura em que se dá a primeira grande manifestação que irá atordoar o regime “eduardista”.

A pesquisa até então desenvolvida, evidencia que na base do processo de redemocratização um dos actores fundamentais no seu processo foi o Movimento dos 15+2 contra o poder autoritário do presidente José Eduardo dos Santos que se tinha mantido no poder a mais de 32 anos. Este Movimento desembocou aos 20 de junho de 2015 a fim de aprimorar os métodos pacíficos de protestos que visavam retirar do poder o então presidente. Entre esses activistas de origens, formação académica e profissões comuns ou diferentes, destacam-se Domingos da Cruz, Afonso Mayenda (Mbanza Hanza), Luaty Beirão, Manuel Nito Alves, Albano Bingo, José Gomes Hata, Hitler Samussuko, Nuno Álvaro Dala, Osvaldo Caholo, Dito Dali, Francisco Mapanda, Laurimda Gouveia e Nicolas Radical. Esses Jovens foram detidos e acusados de planearem um golpe de estado contra a então estrutura governativa. Trata-se de 15 jovens de vários estratos sociais que são presos pelo fato de se reunirem em um espaço para ler a obra de Gene Sharp, intitulada da Ditadura a Democracia, dando origem ao famoso grupo dos 15+2 que levaram ao conhecimento da Comunidade Internacional a situação da violação dos direitos humanos, exigindo deste modo a retirada do antigo presidente que estava no poder a mais de 32 anos. Estes jovens fizeram uma redefinição das circunstâncias do agir histórico, questionando a legitimidade do sistema diante da situação terrível a que o angolano estava emerso.

Nas entrevistas preliminares feitas com José Gomes Hata, Hitler Samussuko, Dito Dali e Inocêncio Brito e nos artigos publicados em jornais como o Jornal de Angola, Rede Angola, Club K o Novo Jornal fica evidenciado que esse Movimento teve um papel fundamental no processo de redemocratização e na transição de poder do presidente José Eduardo Dos Santos ao presidente João Lourenço.

Nas entrevistas é reafirmada uma memória coletiva-individual cuja recordação se ancora na forte violência real ou simbólica do estado, marcada por ameaças, repressões, detenções, sequestros, julgamentos sumários, pressões e assassinatos de vários activistas ao longo da marcha pela democratização como a perseguição e assassinato de Cassule e Kamulingue, activistas que participavam em manifestações contestando contra o poder instituído.

2227



CONCLUSÕES

O estado angolano era caracterizado por uma democracia multipartidária desde os anos de 1992 e sufragado pela alteração constitucional decorrida no ano de 2010. Obviamente, Angola era caracterizado como um estado de direito e democrático, mas na prática tinha laivos de ditadura.

A emergência de movimentos de contestação com objectivos de pressionar aberturas democráticas e construir um país mais inclusivo, demonstra que uma das lutas sociais mais evidenciadas nesse momento, foi do Movimento dos 15+2. O nosso estudo tem demonstrado que é de suma importância recuperar a história e memória deste movimento, a partir de uma memória coletiva, cujos marcos sociais foram a incontestável luta pela redemocratização. Trata-se de uma pesquisa ainda inconclusiva, mas o material colectado tem servido para trabalhar no avanço da compreensão do fenómeno articulando a relação entre história e memória em sua relação dialética.

2228

PALAVRAS-CHAVE: Movimento dos 15+2. Memória Coletiva. Democratização. Movimento Social.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice (1968). **Memória colectiva**. S. Paulo, Editora Revista dos Tribunais LTDA.

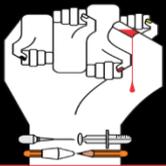
HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de la Memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

MUKUTA, Coque; FORTUNA, Cláudio. **Os Meandros das Manifestações em Angola**. 1ª ed. 2011, Luanda, Editora Kiron, 2011.

Jornal DW África: fonte: <http://www.dw.com/pt/processo-contra-os-15mais2-ativistas-em-angola-revus-liberdadeja/a-18861750>. Acessado aos 02 de junho de 2021.

Jornal Online Lilpastanews: fonte: <https://www.lilpastanews.com/2021/03/o-que-houve-7-de-marco-de-2011-nuno.html>. Artigo publicado no dia 12 de março de 2021.

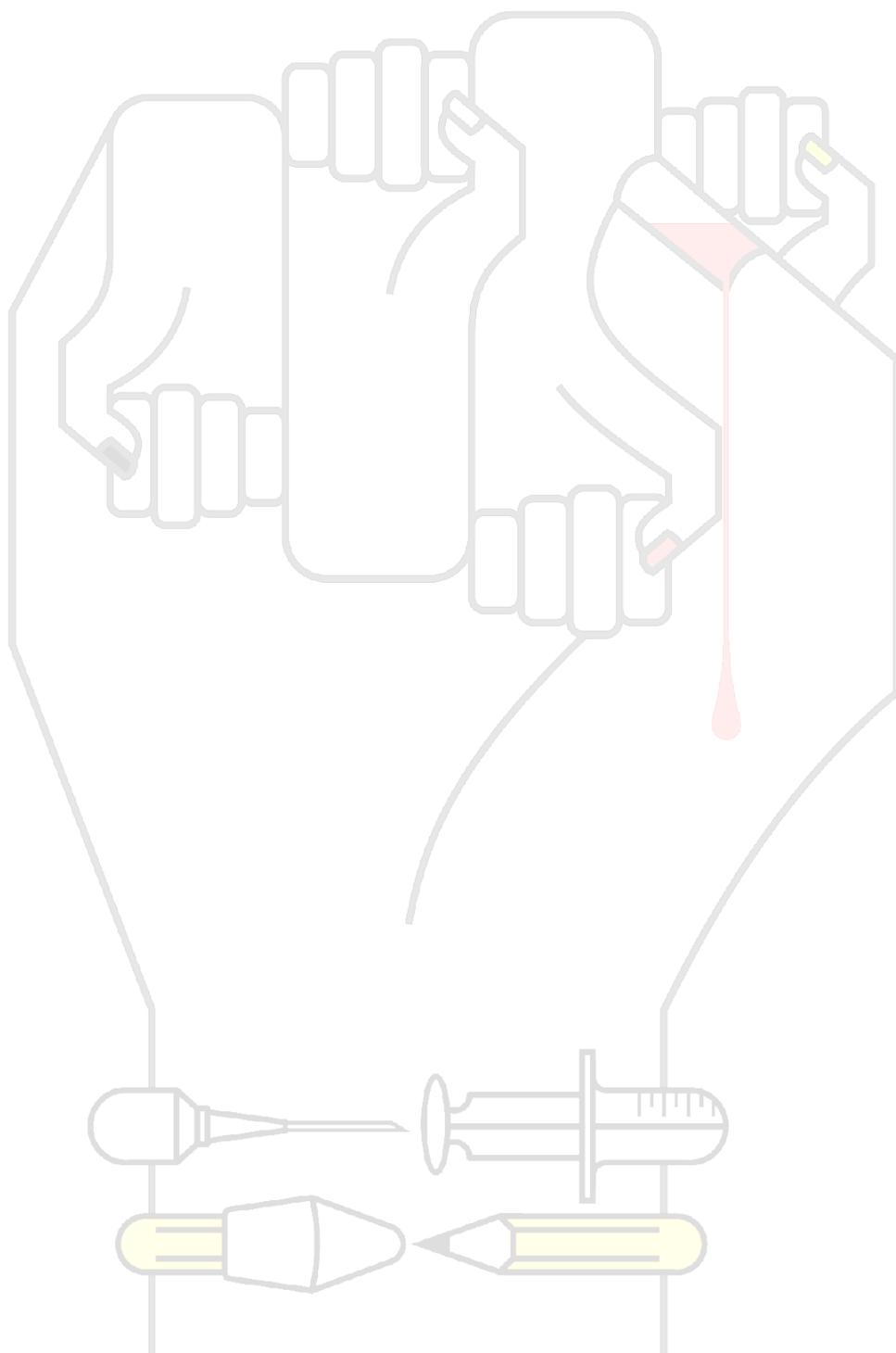
CORDEIRO, Ana Dias de. “Os filhos do musseque que se juntaram ao filho do regime em Angola”. Jornal “O Público”. Fonte: <https://www.publico.pt/2015/10/24/mundo/noticia/os-filhos-do-musseque-juntaramse-ao-filho-do-regime-em-angola-1712176>. Acessado aos 03 de junho de 2021.



DALA, Nuno Álvaro, O pensamento Político do jovem Revu. Fonte: https://web.facebook.com/watch/live/?v=860772691351389&ref=watch_permalink . Consulta feita no dia 06 de Junho de 2021. **Central Angola.**

A Primavera Árabe e a “cultura das manifestações” em Angola <https://www.dw.com/pt-002/a-primavera-%C3%A1rabe-e-a-cultura-das-manifesta%C3%A7%C3%B5es-em-angola-uma-hist%C3%B3ria/a-37551231>. DW África. Consultado, 22 de junho de 2021.

2229



Realização:



Apoio:

